

700^a Reunião Científica do Instituto Biológico



Conta o Instituto Biológico, atualmente, com 200 técnicos — engenheiros agrônomos, médicos veterinários, biólogos, químicos, médicos e farmacêuticos — dedicados aos problemas de biologia e defesa sanitária vegetal e animal.

Durante a comemoração da 700ª Reunião Científica, foi feito o grupo acima, de parte do seu pessoal, sediado na Capital figurando alguns técnicos, hoje aposentados, que participaram do programa realizado em 1.º de dezembro.

700.^a Reunião Científica do Instituto Biológico

Realizou-se em 1.^o de dezembro último a comemoração da 700.^a Reunião Científica dos técnicos do Instituto Biológico, iniciadas pouco depois da criação do Instituto, em 1927. Mais de 1.500 técnicos e pesquisadores já foram convidados a pronunciar palestras nessas reuniões, não apenas sobre assuntos de ciência, mas também sobre arte, viagens, atividades de outras profissões e temas diversos, visando sempre ampliar a cultura e os conhecimentos gerais dos seus frequentadores.

Atualmente conta o Instituto Biológico com um corpo de 200 técnicos, dos quais cerca de 120 na sede, em São Paulo. Além dos engenheiros agrônomos e médicos veterinários, que predominam em número, o quadro inclui especialistas de outras profissões, como biólogos, químicos, médicos e farmacêuticos. Foi esta diversificação profissional que justificou a organização das Reuniões Científicas, cuja finalidade é a de permitir a cada um o melhor conhecimento da atividade dos demais e a troca de idéias sobre problemas comuns no campo da biologia e da defesa vegetal e animal.

Este entrosamento se processa também em outro tipo de reuniões semanais, realizadas nos primeiros meses do ano, das quais todos os técnicos participam, relatando o andamento e os resultados de seus trabalhos no ano anterior — são as chamadas “reuniões de relatórios”. No decorrer do ano, ainda semanalmente, acontecem as “reuniões de referatas”, de grupos das Divisões Vegetal e Animal, quando os técnicos relatam trabalhos colhidos na bibliografia,

comunicando novas técnicas e conquistas nos seus campos de atividades.

As Reuniões Científicas são agora realizadas quinzenalmente, sendo convidados para fazer palestras os técnicos do Instituto ou especialistas de outras instituições e entidades. Completando a 700.^a Reunião, foi promovida uma comemoração, cujo programa constou de:

Dr. Paulo Nobrega, Diretor Geral do Instituto, fez ligeiro histórico das reuniões e evocou as figuras de Fernando Costa, criador do Instituto Biológico, quando Secretário do Agricultura, em 1927; Arthur Neiva, seu primeiro Diretor; e Rocha Lima, que dirigiu a instituição durante quase 25 anos, imprimindo-lhe as diretrizes que a fizeram altamente credenciada no país e no estrangeiro.

Dr. Genésio Pacheco, um dos primeiros técnicos do Instituto e hoje aposentado no Instituto Oswaldo Cruz, e Dr. A. Martins Penha, Diretor da Divisão de Defesa Animal, que foram os dois primeiros técnicos a falar na reunião científica inicial, em 28 de setembro de 1928, prestaram depoimento sobre as reuniões, lembrando fatos da ocasião.

Dr. J. R. Meyer, Diretor da Divisão de Biologia Animal, focalizou aspectos das reuniões e, com magnífico bom humor, traçou paralelo entre normas de fazer uma boa palestra e uma palestra capaz de desagradar a qualquer auditório.

Dr. K. Silberschmidt, Chefe do Seção de Fisiologia Vegetal, lembrou seu ingresso no Instituto, há 25 anos, e a importância que Rocha Lima dispensava às Reuniões Científicas, tendo sido

mesmo a freqüência e participação nas mesmas uma das únicas exigências que fizera para a sua admissão.

Dr. S. Gonçalves da Silva, Diretor do Serviço de Planejamento e Documentação Científica, organizou e projetou documentário fotográfico das reuniões, em anos anteriores, enquanto o Dr. A. M. Penha fazia, verbalmente, as legendas de cada foto projetada.

Dr. J. Reis, antigo Chefe da Seção de Ornitopatologia e aposentado no cargo de Diretor da Divisão de Ensino e Documentação Científica, foi o convidado especial, pronunciando palestra cujo texto é publicado nesta edição.

Comparecendo ao final da Reunião, o Dr. José Bonifácio Coutinho Nogueira, Secretário da Agricultura, congratulou-se com os presentes pelo espírito da reunião e prestou depoimento sobre a participação do Instituto Biológico na sua administração e sobre o mérito dos trabalhos nêle desenvolvidos.

Ao Auditório "Rocha Lima", onde se realizou a Reunião, compareceram 130 pessoas. Além do pessoal do Instituto, estiveram presentes muitos técnicos (alguns aposentados) e antigos frequentadores das reuniões. Entre os primeiros figuravam Genésio Pacheco, M. J. Mello, Henrique Sauer, Mario D'Apice, José Reis, Jayr Moreira, Anita Reis, Nair Lemos Gonçalves, Otto Bier, Victor Carneiro, Celso Rodrigues, Vicente O. Guida, Dorival M. Cardoso, Mario Autori, Nelson Planet e Alceu O. Martins. Antigos frequentadores: Benedito Brunno, Virginie D'Apice, A. Busacca, D. Klobussitzky, D. Mingoia, M. Freitas Amorim, Humberto Cerrutti, Oswaldo Lange e E. Marcus. Deixaram de comparecer à comemoração, mas comunicaram sua adesão: Carlos Alves Seixas, Raul Drummond Gonçalves, Lauro Travassos, Afrânio Amaral, Dutra de Oliveira, A. Martins Castro, Cesar Pinto, Giorgio Schreiber, Odorico M. de Souza, Lygia Rocha Lima, F. Paula Mello.

À noite, na Cantina 1060, teve lugar um jantar de confraternização do pessoal do Instituto, técnicos já aposentados e antigos frequentadores das reu-

niões, reunindo 111 pessoas, no ambiente de cordialidade que caracteriza a convivência no Instituto Biológico.

BALANÇO DAS REUNIÕES

Foi em 28 de setembro de 1928 que aconteceu a primeira Reunião Científica. Do seu início até 1942, eram semanais; de 1943 a 1950, passaram a quinzenais; a partir de 1950 foi realizada, em média, uma reunião por mês; em 54 e 55 e, depois, em 59, estiveram suspensas; mas a partir de 1959 foram restabelecidas, com regularidade, quinzenalmente.

O quadro abaixo relaciona o desenvolvimento das reuniões:

Ano	Número	Palestras
1928	15	21
1929	47	132
1930	44	132
1931	47	144
1932	29	93
1933	44	121
1934	39	101
1935	37	94
1936	32	73
1937	10	21
1938	9	24
1939	38	88
1940	38	83
1941	30	62
1942	19	39
1943	23	78
1944	22	62
1945	6	15
1946	21	48
1947	17	39
1948	21	43
1949	16	34
1950	15	22
1951	16	16
1952	8	8
1953	4	4
1954	—	—
1955	—	—
1956	7	12
1957	2	3
1958	—	—
1959	17	21
1960	16	18
1961	11	17
Total	700	1.660

Recordações Sexta - ferinas (*)

J. Reis

Quando Rocha Lima se foi, entenderam seus discípulos, representados pelo Diretor Geral do Instituto, o Dr. Paulo Nóbrega, que a melhor homenagem que se lhe poderia prestar seria inscrever-lhe o nome à porta dêste auditório, porque as sessões em que êle fazia questão de reunir seus colaboradores, seja para ouvir ou fazer preleções, seja para análise e resumo de artigos especializados, representavam o núcleo e o segrêdo de sua ação aglutinadora e orientadora. Daí a importância que sempre atribuiu, daí o empenho com que sempre as realizou e presidiu, daí o carinho com que continuou a delas participar depois de aposentado, deixando claro, meridianamente claro, a todo o pessoal científico, que elas deviam preferir a tudo. Para nós, então moços, elas às vêzes até importunavam, como maçada que nos interrompia os trabalhos de laboratório. Para êle, porém, eram como missa em colégio de padre; não podiam faltar. Graças ao empenho com que cultivou as sessões, podemos hoje, com o pensamento nêle, comemorar a setingentéssima sessão de sexta-feira.

Como existem por aqui, agora, muitos rostos novos, que talvez conheçam ainda pouco da história do Instituto, é bom lembrar que desde o início desta instituição, ou melhor, da Divisão Animal que Rocha Lima dirigia, aqui se realizavam dois tipos de reuniões semanais, uma no começo da semana e outra no fim: as do começo, que êle chama-

va de sessões de "Referat", eram exclusivas do corpo científico do Instituto. Cada um dos assistentes e chefes, em pé de igualdade, resumia um artigo que êle marcava nas muitas revistas que chegavam à biblioteca (a técnica da marcação foi variando com o tempo). Ao resumo seguiam-se comentários; com o crescer do Instituto foi preciso desdobrar o grupo em turmas, que tiveram monitores que se encarregavam da marcação. Os artigos assinalados não eram necessariamente da especialidade dos que deviam referi-los.

Alguns dos membros do Instituto

Palestras

- 1^a - Curso Básico - Genesio e Paula.
- 2^a } Vitamínicos - Dreyfus e Galvão
- 3^a }
- 4^a - Leishmaniose - Flavio - Rocha Lima
- 5^a - P.H. - Bier.
- 6^a - Revistas -
- 7^a - P.H. - Bier
- 8^a - P.H. Bier - BCG - Genesio - 7 IX 28
- 9^a - BCG - Genesio - Montenegro - Colicidias - Cesar Pinto. 10. IX 28
- 10^a - Tuberculose - Montenegro. 23 IX 28
Vis. Dr. Annella - Rocha Lima.

(*) A expressão sexta-ferina sempre teve curso, no Instituto Biológico, para designar jocosamente as reuniões científicas das sextas-feiras. Veja mais para diante.

Figura 1 — Página de abertura do livro de registro das palestras, onde estão anotadas as primeiras e os conferencistas (letra de Rocha Lima).

tornaram-se célebres pela astúcia com que burlavam a severidade de Rocha Lima, procurando uns artiguinhos de última hora, em geral nos *Comptes rendus* da Sociedade de Biologia, que já os trazia resumidos. O grande herói dessas astúcias é hoje eminente professor de uma escola de medicina. Não é o Dr. Otto Bier, nem o Dr. Rocha e Silva, nem o Dr. Dorival Macedo Cardoso.

Às sessões de "Referat" comparecia geralmente o Diretor Geral, Dr. Arthur Neiva, sempre esfuziante, mas também não poucas vezes alarmista. Entrava na sala como um tufão, dizendo que vinha de alguma reunião onde acabara de "salvar o Biológico", que teria estado a pique de ser destruído. O tempo veio mostrar que êle não exagerava, pois um dos esportes que os Secretários da Agricultura mais têm cultivado em São Paulo é o de planejar reformas cujo eixo é sempre destruir o Instituto Biológico. Felizmente para êste, algum gênio amigo deve ter estabelecido a norma de que todo Secretário que quer destruir o Instituto perde o seu cargo e, às vezes, até leva a breca!

Nas reuniões de "Referat" o Dr. Neiva em certas ocasiões relatava também algum artigo, especialmente de entomologia ou saúde pública, mas o mais comum era êle interromper um dos que estavam referindo, para contar ou lembrar alguma impressão pessoal sua, dos tempos em que andava combatendo malária no Xerém. Prosa admirável, caracterizava-se o Dr. Neiva, entre muitas outras qualidades, pela capacidade de cunhar "frases célebres", isto é, frases que passavam a ser repetidas como verdadeiras "trouvailles" (dêle foi aquela famosa frase segundo a qual São Paulo era uma locomotiva a puxar não sei quantos vagões vazios. Arrepende-se-ia dela depois, ao entrar na política. Também foi êle quem disse que "no Brasil adiar é desistir" e que "tôda discussão acaba em gramática" (*). Às vezes contava algumas aven-

turas curiosas, que nós glosávamos, aumentando-as. As pessoas que frequentaram aquelas reuniões certamente se lembram da história do *Mapinguari*, estranho sêr que lhe apareceu no acampamento quando êle, segundo a nossa malícia, "microscopava à luz de uma vela". Nestas irreverências não havia, diga-se logo, nem sombra de desrespeito, porém muita simpatia e confiança nas qualidades de compreensão e bonomia daquele que era o chefe supremo do Instituto. Poucos, entretanto, tinham a coragem de afrontar a dupla Neiva — Rocha Lima com uma piada nas horas de reunião. Que eu saiba, só se atreveu a isso o Dr. Gustavo Mendes de Oliveira Castro, que depois iria para Mangueiros. Uma vez, resumindo um artigo sobre micose qualquer do couro cabeludo, coroou a sua exposição apresentando a figura que o ilustrava, e que mostrava uma calva em três fases progressivas de reconstituição da cabeleira, dizendo que eram as cabeças dos três diretores do Instituto, vistas de cima. O terceiro diretor, o menos calvo, era o Dr. Adalberto de Queirós Teles, da Divisão Vegetal.

Neiva e Rocha Lima desentenderam-se mais tarde, e a tendência, dentro do Instituto, foi para a formação de dois grupos, um mais fiel a Neiva que a Rocha Lima, outro mais solidário com êste último. É preciso, porém, que se diga que essa atitude não importava desentendimento entre os grupos, e na verdade não se justifica. Ambos foram homens admiráveis e de raras qualidades e podem perfeitamente morar, juntos, em nossa lembrança cheia de admiração e reconhecimento. Até que se completavam muito bem!

Mas eu devo falar é das sessões de sexta feira. Quando aqui cheguei, logo no primeiro dia, tive de comparecer a uma delas. Realizavam-se no primeiro andar do prédio da Divisão Animal, na rua Marquês de Itu 73, na esquina em diagonal com a Santa Casa, onde hoje se encontra um arranha-céu. Tudo se passava numa sala contígua ao escritório do professor Rocha Lima. Ali ficava o epidiascópio, que o Dr. Adolpho

(*) Prova o acêrto desta última observação o "motim gramatical" em que, segundo José Veríssimo, degenerou a discussão do projeto de Código Civil, dando origem à famosa polêmica entre Ruy Barbosa e seu mestre Carneiro Ribeiro.

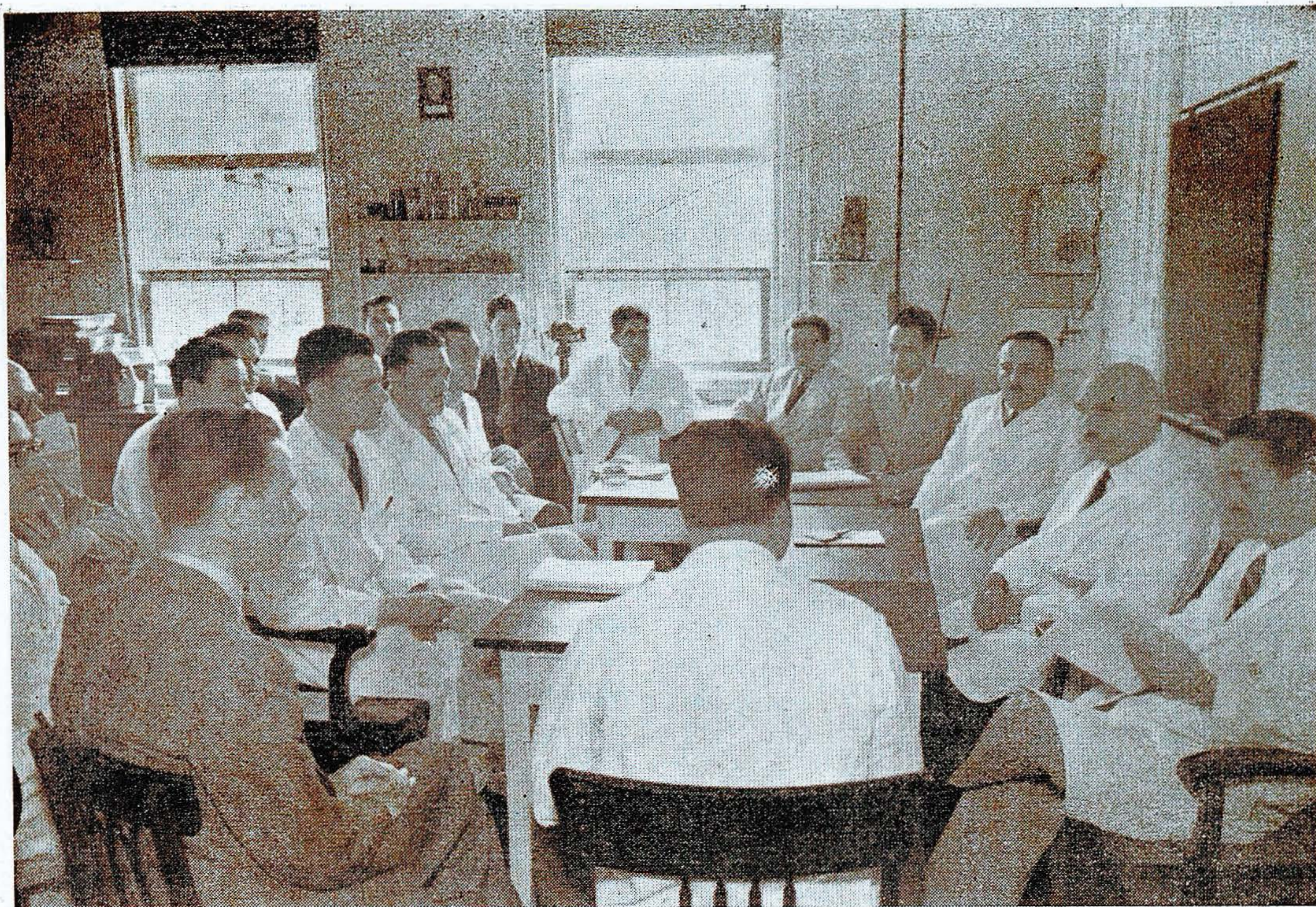


Figura 2 — Reunião dos técnicos da Divisão Animal, em março de 1937: Clemente Pereira (de costas), Victor Carneiro, Reis, Jayr Moreira, Mello, João Pereira, Florence, Celso Rodrigues, Galvão, Penha, Meyer, Rocha Lima, Zeferino Vaz e Grieco.

Martins Penha manobrava, auxiliado por D. Else Seiler. Muitos dos nossos não sabem a quantidade de aparelhos que o Dr. Penha fez funcionar neste Instituto em sua qualidade de físico e matemático “animal”. Mais tarde conseguiríamos um físico e matemático “vegetal” na pessoa do Dr. Agesilau Bitancourt, da mesma forma que arranjariamos um químico especializado em pesagens meticulosas, que era o Dr. Cândido Hércules Florence, de saudosa memória, com quem o Dr. Penha frequentemente argumentava a respeito da “poussée de l’air”.

Pois naquela primeira reunião a que compareci, quem falava era esse mesmo Dr. Penha sobre cujos ombros, desde aquele tempo, pesava a imensa responsabilidade de curar o curso branco dos bezerras, que representou na história da Divisão Animal o mesmo papel

da broca do café para a Divisão Vegetal. Naqueles tempos o Dr. Penha, juntamente com o Dr. Celso Rodrigues e o Dr. Genésio Pacheco, andavam muito às voltas com as salmonelas dos bovinos. Chegaram a criar uma espécie nova — a *S. bovis*. Depois as coisas se complicaram muito, com as inovações de White e Kauffmann, e ninguém mais pôde ser especialista em salmonela e outras coisas. Tinha de ser só *salmonelólogo*, picando antígenos e identificando pedacinhos de anticorpos.

Não me recordo se naquele dia o Dr. Penha, que discorria, se não me engano, a respeito de amebas, começou o seu histórico falando de Kitt. Era um hábito seu este, de começar todos os capítulos da patologia animal e da bacteriologia com referência ao eminente Kitt, que, ao lado de Theobald Smith, este por causa do colostro, eram os dois ídolos bibliográficos do Dr. Penha.

Perdoe-me o Dr. Penha se falo dê-le com esta sem cerimônia, com êste ar meio brincalhão. Quero que todos entendam o meu propósito, assim fazendo. Desejo prestar uma homenagem a êsse eminente colega. Quando, no futuro, escrever a história dêste Instituto, ninguém talvez brilhará mais do que o Dr. Penha, pelo conjunto de suas qualidades e de sua dedicação ao Instituto, tôdas as horas, todos os dias. Êle resplandecera talvez com um dos mais cultos, e certamente como o mais modesto, o mais generoso, o mais desambicioso.

Com o Dr. Genésio, êle formou o par que falou na primeira reunião de sexta-feira dêste Instituto, a que não compareci porque ainda aqui não estava. Aproveito esta oportunidade, e a presença aqui do Dr. Genésio Pacheco, para prestar depoimento da muita dedicação com que o ilustre bacteriologista de Manguinhos tomava conta de seu grupo, zeloso por dar a todos oportunidade de progredir e elementos de trabalho. O grupo que em tôrno dêle se reuniu, e que êle soube tão bem estimular e motivar, desbravou vários caminhos, conseguindo projeção em todos. Nêsses trabalhos é preciso reconhecer a chama que lhes transmitiu o Dr. Genésio Pacheco e que permaneceu mesmo depois de seu afastamento.

As palestras de sexta-feira, que se originaram na seção de Bacteriologia por inspiração do Dr. Genésio Pacheco, a princípio eram organizadas pela Divisão Animal apenas, mas delas participavam especialistas de fora do Instituto, assim como da Divisão Vegetal. Naquele tempo não eram freqüentes em São Paulo reuniões daquele tipo, e muito menos existiam reuniões que, como aquelas, primassem pelo rigor do horário e pela constância. Rocha Lima fazia questão fechada da pontualidade e conseguia sempre começá-las exatamente na hora. Não havia palmas. Numerosos médicos clínicos e de laboratório (*) compareciam e partici-

pavam delas. Preocupava-se Rocha Lima, e muito, em fazer das reuniões de sexta-feira uma oportunidade para ventilar assuntos de cultura geral, realizando o que Neiva definia como "sair da placa de Petri". Assim é que, nesta casa que antes de tudo era de patologia e microbiologia, falou-se sôbre arte, cinema sonoro, música, assim como geologia (o saudoso Moraes Rego), física (Wataghin, Luiz Cintra do Prado, Marcelo Damy e, como prata da casa, o Dr. Penha que, segundo me consta, explicou a teoria da relatividade com a mesma paciência e o mesmo desejo de interessar com que em numerosas oportunidades ministrou cursos de matemática e estatística).

Na primeira fila ficavam os "grandes", os mais velhos, os mais assíduos freqüentadores da casa, além de Rocha Lima, Neiva, Genésio, Juvenal Ricardo Meyer. Entre êles figuravam Carini, Donati, Bovero, Vanucci, Habermeld, Jesuino Maciel, Dreyfus, para só falar dos mortos.

Não é possível lembrar todos os velhos amigos do Biológico, tantos dêles já idos dêste mundo, mas não de nossa lembrança, e outros tantos ainda hoje presentes, nesta reunião, como os professores R. Locchi, Moacir Amorim, Quintino Mingoia, A. Amaral.

As reuniões de sexta-feira tiveram grande papel educativo. Rocha Lima, pacientemente, ensinava os seus pupilos a expor de maneira interessante os seus temas. Insistia sempre numa regra muito importante, que é a de "começar pelo fim", isto é, dizer logo aonde se vai chegar, o que se vai revelar, para depois então desenvolver o assunto, quando o auditório já sabe o fim do caminho. É um recurso largamente usado pelos que escrevem na imprensa e pelos divulgadores. É engano pensar que numa sala de conferências, salvo raras exceções, o interesse se mantém pelo "suspense". Ninguém deve começar um assunto pelo histórico (sim, o Dr. Penha estava errado começando tôdas as suas falas com o professor Kitt...). Corre-se o risco de adormecer os ouvintes. Para bem implantar suas lições chegava Rocha

(*) Podem citar-se os Drs. Sergio Meira, Pinheiro Cintra, A. Lindenberg, E. Vampré, A. Carini, D. Vanucci, W. Habermeld, J. J. Maciel (já falecidos) e A. Bussaca, Jairo Ramos, Pedro Alcântara, H. Cerrutti, J. Inácio Lobo, O Lange, etc.

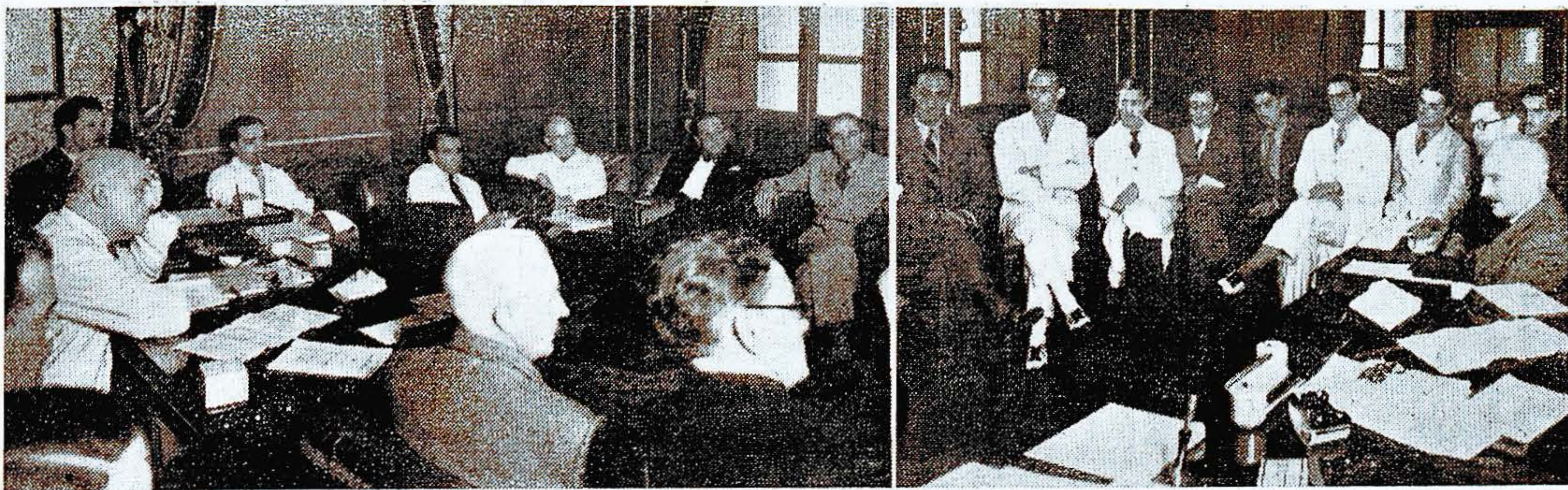


Figura 3 — Reunião dos Técnicos da Divisão Vegetal, em setembro de 1937, com a presença de Sauer, Rocha Lima, Clemente Pereira, Araujo, Bitancourt, Hempel, Joaquim F. Amaral, Cyro Godoy, Hambleton, Lepage, Pinto da Fonseca, Silberschmidt, Spencer Arruda, Autuori, Décio A. Souza, Kramer, Alceu e Silvetri.

Lima, certamente quando estava menos paciente, a atos extremos, como o de interromper o orador e dizer que daquele jeito não estava bom, que era necessário fazer de outro modo. O conferencista encafifava, mas aprendia, pelo menos em parte, a lição, e da outra vez já tratava de trazer a sua palestra arrumada de maneira mais viva. O próprio Rocha Lima era excelente expositor, e uma das palestras mais belas que ouvi em minha vida foi uma que ele fez sobre anatomia patológica da febre amarela, aqui neste Instituto.

Nem sempre, porém, era Rocha Lima bem sucedido em seus esforços. Contarei o que se passou com o nosso companheiro Gustavo de Oliveira Castro, que hoje trabalha em Manguinhos, quando o mestre passou a insistir muito em que as palestras tivessem cunho prático, com demonstrações. Fez Rocha Lima forte crítica das palestras exclusivamente teóricas e pediu que todos procurassem levar material de demonstração, com o qual se poderiam suprimir muitas palavras inúteis. Pois bem, a primeira experiência do novo tipo de palestra, com demonstrações práticas, coube ao Dr. Castro. Falaria sobre o cultivo de amebas. Na hora aprazada compareceu ele, com seu ar distante e uma porção de fichas (que ele às vezes rotulava, para marcar a ordem com que deviam ser projetadas, até com números negativos: havia a ficha 1, 2, 3 ... e também o ficha zero e, antes dessa, a

— 1, a — 2, etc...). Começou a discorrer sobre a cultura de amebas e preconizou, para fazê-las, o meio de Drbolav. Esperávamos todos uma grande demonstração de técnica de preparo do meio de Drbolav. Pois bem. Castro começou a sua explicação assim: Toma-se um ovo... remexeu no bolso, tirou um ovo de galinha, apresentou-o aos ouvintes, tornou a guardá-lo no mesmo bolso, e daí por diante seguiu a descrever teoricamente todas as operações. Um outro colega, diante do mesmo problema de fazer demonstrações, achou ter resolvido tudo levando no bolso um cubo de papelão. Quando se referiu à forma cúbica de não sei qual cristal, puxou o cubo e apresentou-o...

Não posso dizer que tenha Rocha Lima conseguido remover a teimosia de alguns em falar para dentro, dando a impressão de que estavam sempre a dizer a mesma coisa, ou em falar de maneira incompreensível, sem lograr estabelecer muito nexos entre as partes do discurso. Alguns dos que assim procediam são hoje excelentes professores, o que mostra que algum benefício devem ter colhido, senão por força de Rocha Lima, pelo menos por pressão dos alunos, força bem mais terrível que aquela.

Esquecia-me de dizer que o tempo sempre foi rigorosamente marcado com um despertador de parede, o mesmo que ainda hoje se vê neste auditório. Só raras pessoas tinham permissão de exceder aquele prazo fatal.

Da tortura de falar naquelas sextas-feiras darei meu depoimento pessoal, que servirá também para ilustrar outros aspectos da filosofia das palestras científicas. Pouco depois de aqui chegado, fui escalado para falar sobre peste aviária. Nunca havia eu ouvido falar naquilo, e de galinhas entendia bem pouco; no máximo conhecia o gogo, que via minha avó curar, no quintal, enfian-do uma pena no pescoço das aves. Derrubei a livraria, afundei-me em uma multidão de artigos, enchi fichas e, afinal, apresentei ao professor Rocha Lima um plano de explicação daquela doença ... em três sessões! Que temeridade! Acontece que depois me fiz especialista nesses assuntos, trabalhei com a peste aviária e outras doenças parecidas, e reconheço agora que dificilmente falaria, hoje, mais de dez minutos sobre o assunto. Quem sabe, pode resumir, porque consegue distinguir o essencial do acessório. Para quem não sabe, tudo é igualmente importante. A verdade é que eu falara sobre o que ignorava, ou melhor, sobre o que apenas sabia de livro.

Outra situação crítica foi a de quando, havendo eu conseguido um exemplar da tradução francesa do livro em que o célebre geólogo Wegener apresentava a sua teoria do deslizamento dos continentes, achei que poderia fazer uma palestra, em mais de uma sexta-feira, sobre essa teoria, que hoje volta à tona, depois de longo esquecimento. Li uma porção de livros, inclusive os capítulos correlatos da obra de Suess "A Face da Terra", livro em seis grossos volumes que naquele tempo se comprava, encardernado, por duzentos mil réis, e comecei a falar. O certo é que depois de minhas eruditas exposições o professor Bovero me disse, diante do Dr. Ihering, que não conseguira entender nada. Eu também provavelmente não o havia conseguido. Mas esforçara-me!

Falei de Ihering. Este foi um dos encontros mais admiráveis de minha vida. Os que gostavam de história natural, naqueles tempos, não achavam ambiente nas escolas. Ensinava-se mal, os livros eram monótonos e geralmente

traduzidos ou simplesmente adaptados do estrangeiro (o Aubert, o Pizon...) mas não se falava nêles, com vivacidade, das nossas coisas, do nosso ambiente, dos nossos bichos, das nossas plantas. Ora, Ihering andara escrevendo uns livros para a juventude sobre história natural, em forma um tanto romanceada, e eu os havia devorado durante meus tempos de moço. A lembrança que guardava dêles era tão boa, que naturalmente envolvia o seu autor num halo quase divino. Imaginem quando, chegando ao Instituto, dei com o zoólogo, em carne e osso, numa saleta do Instituto, onde êle às vêzes andava às turras com o Celso Rodrigues, que era muito ordeiro, ao passo que Rodolfo von Ihering não tinha a menor cerimônia em largar um pedaço de peixe podre na escrivaninha do colega, quando não retirava dela um frasco ou um instrumento qualquer de que necessitasse, sem se lembrar de devolver ou de explicar-se depois. Acho que Ihering foi o primeiro de nossos companheiros que morreu. Morte súbita, que terminou uma vida entusiasta e acidentada. Vim a conhecer uma das particularidades dela quando, certa manhã em que tomávamos café numa cidade do Vale do Paraíba, numa viagem de estudo, êle me mostrou, no fundo de uma cafeteira, determinada marca de fábrica: era fabricação sua. Durante certa época, enquanto afastado do Museu Paulista após a expulsão de seu pai, o eminente Hermann, pelo nativismo científico, tivera de ganhar a vida, êle, zoólogo sem o menor jeito para indústria ou comércio, fazendo-se industrial ou coisa parecida.

Muito festejado era Dreyfus, divulgando a sua genética e os problemas mais gerais da biologia, entre muitos jovens especialistas que haviam sido seus alunos no Rio de Janeiro. Com o mesmo *élan* que tinha em seu curso particular, no Rio, onde ensinava histologia misturada com Freud e outras novidades, pregava aqui os princípios da genética de Morgan. Anti-lisenquista ardoroso, não foi êle, entretanto, quem saiu à liça para atacar o lisenquismo que ia ganhando aqui algumas simpa-

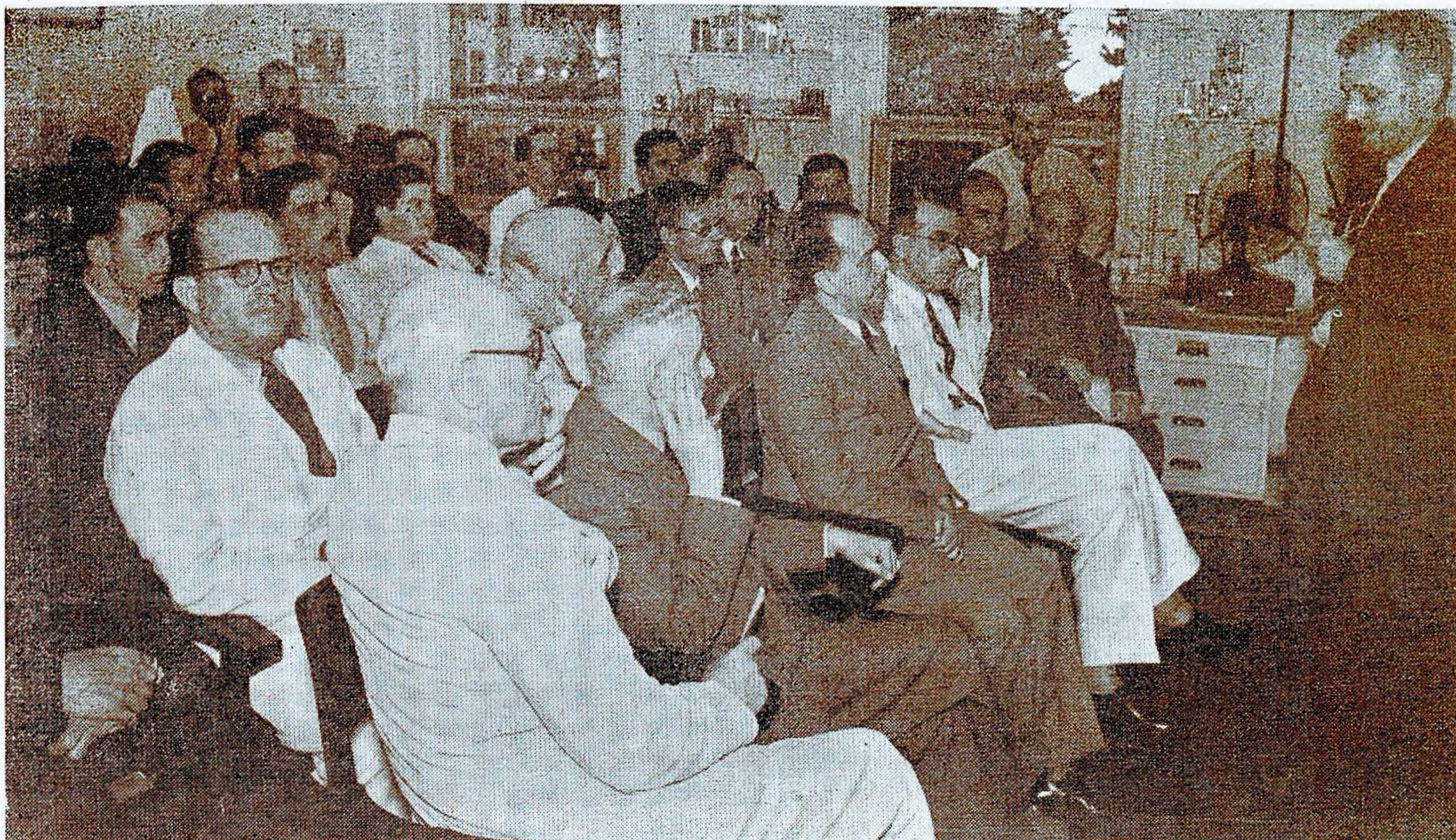


Figura 4 — Reunião geral, em setembro de 1937, com a presença de Evandro Chagas (conferencista), Lindenberg, Pinheiro Cintra, Bussaca, Carini, Zeferino Vaz, João Gonçalves Carneiro, Spencer Arruda, Mauricio Rocha e Silva, Lobo, Clemente Pereira, João Pereira, Reis, Nobrega, Paulo de Souza e Planet.

tias. Quem fez isso foi o Dr. Clemente Pereira, pelos jornais, numa sessão realizada na Associação Paulista de Medicina e também numa reunião de sexta-feira, neste mesmo auditório. Muito se discutiu a palestra de Clemente. Fizeira bem ou mal em atacar tão vigorosamente os erros do lisenquismo? Acredito que fez muito bem. Fosse lá como fosse, estava sendo como sempre foi — profundamente sincero para consigo mesmo e para com os companheiros. Gostava de pôr os pingos nos *ii*, e também gostava de escrever cartas, definindo sua posição. Não era dos que procuram acomodar-se no silêncio ou no palavreado sibilino. Espírito inovador, de vez em quando aparecia com algum método novo para fazer coisas já conhecidas, métodos esses que às vezes ia desencavar nos arquivos da história. Assim, uma certa época andou, com o Prof. Zeferino Vaz, corando tudo de vermelho, por um tal método de Gallego, se não me engano, com que venceria a rotineira hematoxilina-eosina. Depois deu de preparar hematoxilinas

melhores que as comumente usadas. Fabricou óleo de cedro brasileiro e outras coisas mais, ao lado de suas atividades de investigação, algumas muito originais e interessantes. Em torno dele havia sempre gente nova, que orientava com muito entusiasmo e sabedoria.

Carini e Maciel, embora de muito desfeita a dupla que os reunira havia muitos anos nos trabalhos científicos, chegavam freqüentemente juntos e sentavam-se na frente. Em certa época Maciel começou a divulgar coisas russas, pois aprendeu essa língua. Carini era sempre o mesmo, espigadinho e com seu sotaque bem italiano, gostando de falar das espécies novas que descrevia, e muito cioso das contribuições que deu a nossa parasitologia (*). Estranhou

(*) Provocou muitos comentários jocosos, entre nós que naquele tempo éramos muito mais moços, uma palestra, aliás oportuníssima, de Carini intitulada "Conselhos aos Moços". Era uma tentativa que ele fazia de poupar aos moços alguns erros que a experiência de investigador lhe havia apontado pela vida afora. Mas nós, com a irreverência dos moços, achávamos que já não precisávamos de conselhos. Não pensaríamos assim hoje.

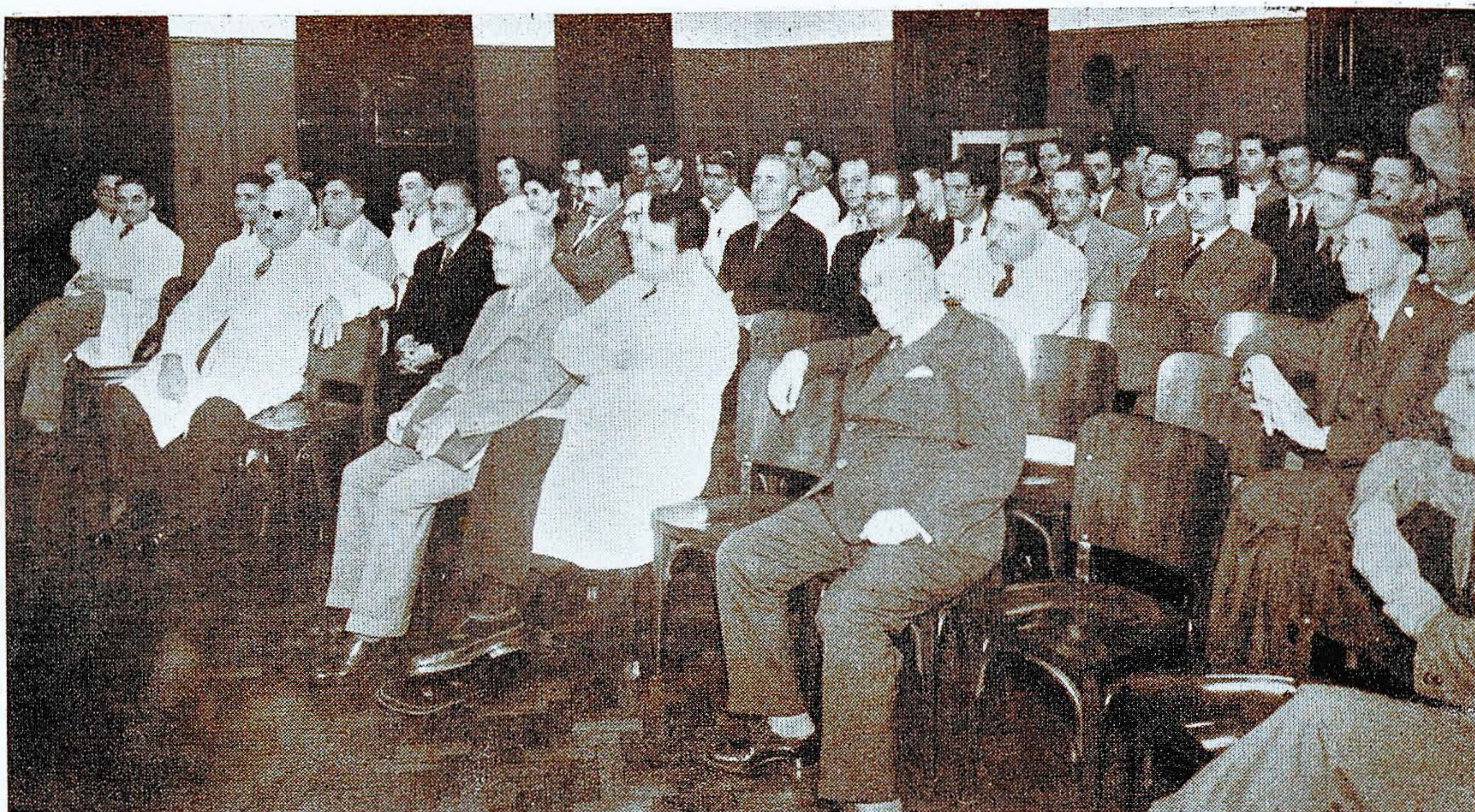


Figura 5 — Uma das primeiras reuniões realizadas no atual edifício-sede do Instituto figurando entre os assistentes: Grieco, Hetty Moussatché, Rocha Lima, Donatti, Bier, Carini, D'Apice, Paulo Bueno, Foá, João Pereira, Schreiber, Lepage, Tibiriçá, J. Franco do Amaral, Meyer, Trapp, Mello, Victor Caneiro, Jayr Moreira, Ottensoger, Oscar Monte, Jair Carvalho, Piza, Clemente Pereira, Celso Rodrigues, Reis, Autuori, Cotait e Penha.

um pouco a brincadeira que com êle fizemos, numa de nossas famosas reuniões apócrifas (**), destinada a cele-

(**) Nessas reuniões procurava-se reunir o corpo científico do Instituto em jantares ou almoços em que se parodiavam ou caricaturavam certos fatos da vida da instituição. Numa delas, em que se homenageou o Dr. Oscar Stevenson, que prestara relevantes serviços ao Instituto, o Dr. Nelson Planet, um dos mais ativos agentes de relações humanas no Instituto, imitou "speaker" de futebol irradiando missa. A mais célebre, entretanto, foi a comemorativa do jubileu do Professor Rocha Lima. Ao mesmo tempo que o Instituto editava o grosso volume 11 dos Arquivos, como livro jubilar, contendo colaborações de cientistas nacionais e estrangeiros, o corpo científico do Instituto preparava paródia do volume jubilar dos Arquivos, sob forma de uma brochura subordinada ao título "Archiv für wissenschaftliche und praktische Makanenkunde" (Makane, adaptação do argentino "macana", para designar tapiagem), com artigos jocosos que imitavam contribuições científicas. Esse volume foi solenemente entregue ao Prof. Rocha Lima num jantar realizado no Clube Pinheiros, rua D. José Barros, em 8 de março de 1941. Na mesma ocasião vários membros do Instituto encenaram no palco um "reunião de sexta-feira", na qual o diretor, representado pelo Sr. Cândido Moraes, cochilava, enquanto Carini, representado pelo Dr. Planet, discorria sobre uma espécie nova, e outros liam, a seguir, comunicados atribuídos a diversos companheiros. O Prof. Rocha Lima recitou o seu poema "Os Biológicas". Essa humorística representação teve por título "O Drama dos Sentenciados Sexta-ferinos". Outro jantar alegre, que contou com a presença do saudoso Dr. José de Mello Moraes, então Secretário da Agricultura, festejou a 500.^a reunião de sexta-feira, publicando-se, na mesma ocasião, um outro alegre volume.

brar o jubileu do Prof. Rocha Lima: desenhamos dois protozoários perfeitamente iguais, porém um dêles a imagem especular do outro, e os apresentamos como se fôsemos duas espécies novas — uma levógira e outra dextrógira. Não havia, porém, falta de respeito nesta espontânea manifestação de espírito, mas apenas o carinho que se estabelece entre irmãos mais velhos e mais novos, dentro da mesma família. E Carini muito nos merecia, pois era o membro mais assíduo das reuniões.

Não menos cioso que Carini de suas descobertas, era Rocha Lima das suas. Lembra-me que êste uma vez tomou a palavra, para, após uma preleção que fiz sobre isolamento dos corpúsculos de Borrel da bouba aviária (trabalho realizado por Woodruff e Goodpature), indiretamente me censurar por não haver reconhecido o trabalho dêle, de fato fundamental, em que pela primeira vez demonstrara, em cortes de tecidos fixados em Carnoy, a natureza corpuscular interior dos grandes corpúsculos de Bollinger. Naquele momento tais detalhes nos pareciam impertinentes

exageros de quem desejava valorizar suas próprias descobertas. Mas o tempo veio ensinar-nos que assim não acontece. O móvel dessas manifestações "pro domo sua" é o amor da verdade científica, é sobretudo o orgulho sadio de haver realizado alguma contribuição fundamental, tantas vezes em condições tão mais difíceis que as encontradas pelos atuais pesquisadores, e todavia tão facilmente por estes esquecidas ou niveladas a outras de menor significação. Arthur Neiva dizia muito bem, em nossas reuniões de terça-feiras, quando nos esquecíamos da contribuição dos nossos predecessores, que parecia termos *chegado de avião*. A distância passada dir-se-ia não existir. Cada pouso novo parecia não ter relação com nenhum

outro. Dêle também, em nossas reuniões, era a freqüente referência às condições de trabalho dos cientistas no Brasil, sempre em meio de improvisações forçadas; com muita propriedade falava em "ciência de acampamento".

Numa rápida lembrança dos que por aqui passaram com seu exemplo de dedicação, não é possível esquecer o professor Donati, que nesta casa em que agora nos encontramos, porém noutra sala, compareceu arquejante, mal podendo falar, por causa da doença, porém decidido a fazer a sua palestra sobre tema de sua especialidade, qualquer coisa relativa à hematologia. Mal se podia atentar no que êle dizia, tão penosa a impressão que nos dava o seu arquejar.



Figueira 6 — Aspecto do Auditório "Rocha Lima", por ocasião da 700a. Reunião, com a presença de 130 técnicos do Instituto, chefes de Secção já aposentados e outros frequentadores das reuniões de sextas-feiras.

Figura das mais interessantes era o botânico Hoehne. Conhecedor profundo da botânica sistemática, gostava de falar figurativamente. Uma vez começou sua palestra dizendo que Flora e Pomona andavam de braços dados pela floresta. Isto a fim de contar suas aventuras para seguir uma enorme raiz que atingia não sei quantas dezenas de metros por baixo da terra. Outra vez anunciou com muito mistério uma descoberta revolucionária — um novo meio de destruir mosquitos. Era o emprêgo dos gansos nas lagoas, segundo observações por êle feitas no Jardim Botânico da Água Funda. Êstes aspectos curiosos davam-nos motivo para pequenas pilhérias, mais do que naturais em quem ainda tinha êsse dom precioso que é a mocidade e não havia tido tempo de colecionar desilusões. Era Hoehne um trabalhador formidável, a que depois se juntou, quando êle deixou o Instituto para formar o Departamento de Botânica, o nosso ex-deseenhista e saudoso companheiro Joaquim F. de Toledo, botânico amador de grandes conhecimentos, que se tornou profissional de mérito. Pertencia Hoehne a uma classe de naturalista, em grande parte autodidatas, a quem muito se deve o conhecimento botânico e zoológico de nossa terra. Embora não trouxessem formação básica regular, supriram-na no trabalho junto de mestres ou orientadores nos museus ou nas expedições científicas, tornando-se especialistas de renome internacional. Nem sempre têm êles sido tratados com o devido respeito pelos moços que, formando-se em épocas re-

centes, em escolas que naqueles tempos nem existiam, e beneficiando-se, muitas vêzes sem o saber, da grande soma de conhecimentos acumulados por aquêles dedicados servidores da ciência, incidem no êrro acima referido, e verberado por Arthur Neiva, de olhar as coisas com o espírito de quem chega de avião, ignorando as vicissitudes do caminho que os pioneiros trilharam. Como Ihering, porém com menos êxito, também cultivou Hoehne a divulgação científica para a adolescência, sendo disto exemplo as suas “Aventuras do Casquinha Verde” (título que cito de memória).

Havia uma espécie de palestra de sexta-feira que pareciam obra de Santa Engrácia. Nunca terminavam, constituindo “seriados” que espichavam de tal modo que a gente até se esquecia delas. Especialista no gênero era o saudoso Cândido Hércules Florence.

Não consultei cadernos de lembranças nem registros de qualquer espécie para tecer êstes comentários. Confiei na memória e deixei que as lembranças surgissem naturalmente. Por isso terei saltado muitas presenças. Não levem a mal. As lembranças já são tantas neste Instituto, e a legião dos companheiros idos tão grande já, tão assustadoramente grande, que uma palestra não bastaria para falar de todos.

Quero, todavia, encerrar com uma nota alegre estas reminiscências das sessões de sexta-feira, assim como das de “Referat”. É que às vêzes fracassavam os propósitos de comunicação entre a ala



Figura 7 — Oradores da 700a. Reunião Científica: Drs. Paulo Nobrega, Genesio Pacheco, A. M. Penha, J. R. Meyer, K. Silberschmidt e José Reis.

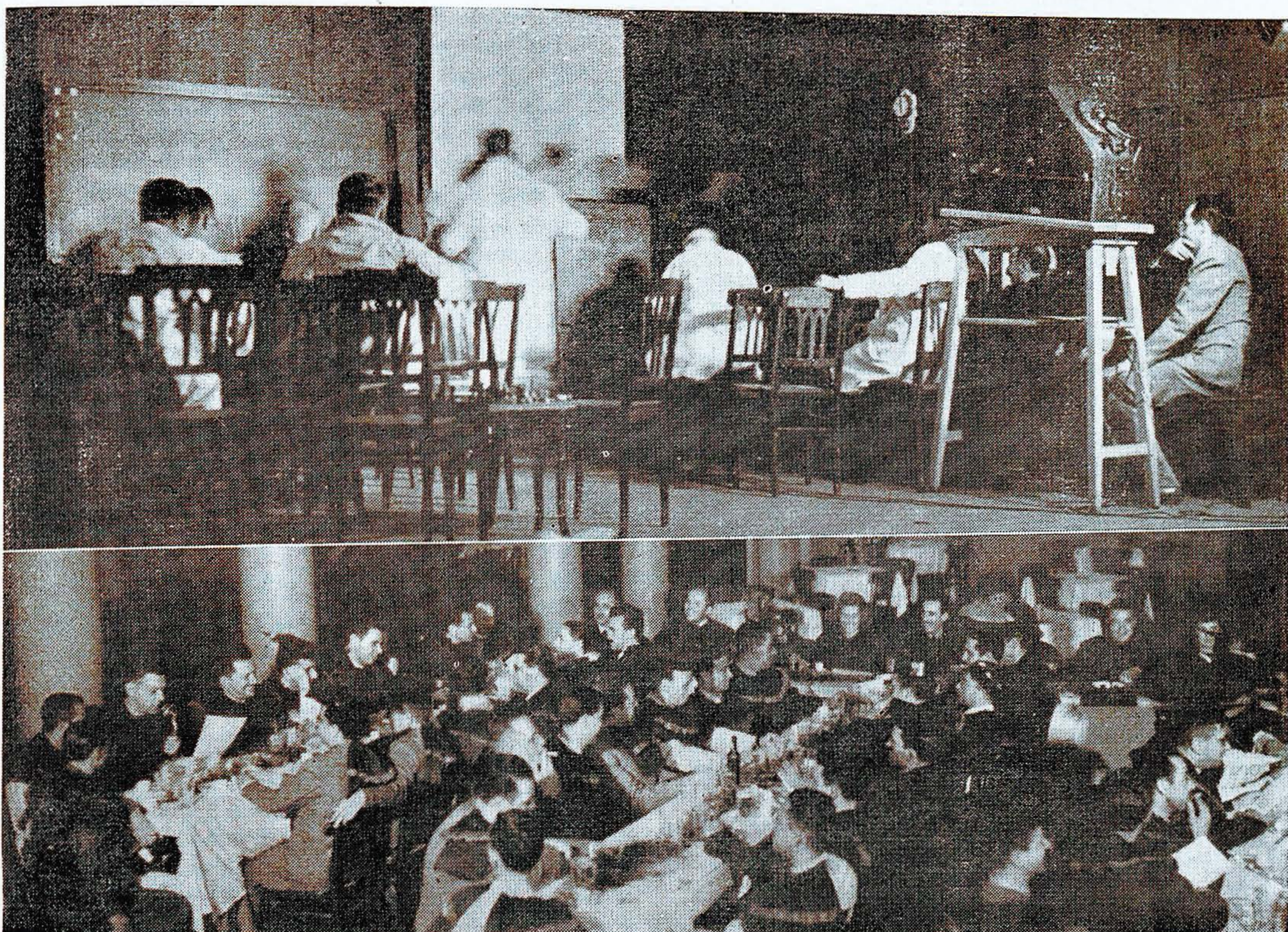


Figura 8 — Reunião científica simulada no palco do Clube Pinheiros, em homenagem ao Professor Rocha Lima; em baixo, técnicos presentes ao jantar.

da “ciência pura” e a da “ciência aplicada”, e alguns membros da primeira se tornavam excessiva e intempestivamente críticos quanto às “singelas” preocupações dos da outra. Foi o que ocorreu com relação ao carvão-da-cana, conhecida doença que andou polarizando a atenção dos fitopatologistas, com escândalo de um outro cientista que, não tendo prestado atenção ao assunto, mas apenas ao nome, verberava o atraso dos colegas que, numa época de energia nuclear, ainda andavam pensando em aproveitar cana para fazer carvão. É claro que a ala da “ciência aplicada” deu boas gargalhadas, no que foi acompanhada, esportivamente, pelo representante da outra ala.

Como antes assinalei, o temário das reuniões de sexta-feira sempre foi dos mais variados. É interessante exercício percorrer hoje as fôlhas em que Rocha

Lima e, depois, auxiliares diretos seus assinalavam os assuntos a tratar e os respectivos conferencistas (Rocha Lima não gostaria desta expressão, pois preferia sempre falar em palestras, em vez de conferências). Por êles se pode acompanhar a sucessão dos interesses por determinados assuntos, que em certas épocas constituíam novidade. É o caso, por exemplo, do pH que logo nos primeiros tempos do Instituto merecia toda uma série de palestras a cargo do professor Otto Bier. Mais tarde a atenção se concentrou nos métodos estatísticos aplicados ao planejamento, na estrutura da matéria, etc. Era uma espécie de reflexo dos interesses que se revelavam em todo o mundo por determinados assuntos. As listas antigas das reuniões servirão, por isso mesmo, de interessante documento para a história do pensamento científico em nossa ter-

ra, num determinado período e para o estudo da maneira pela qual o pensamento estrangeiro repercutia aqui.

Do que representavam para todos nós a sessão de sexta-feira e o ambiente de harmonia que ela proporcionava, deu mostra a grande reunião postiça de sexta-feira que encenamos no palco do Clube Pinheiros ao comemorarmos o jubileu de Rocha Lima. Foi um grande, um magnífico transbordamento de alegria e de ternura, irônicamente feita num momento em que mais uma vez pesava sobre o Instituto a ameaça da destruição... (*).

Meu desejo, voltando agora a falar especialmente aos mais novos, é lembrar que as sessões do Instituto Biológico constituíram sempre oportunidade e meio de marcar e viver algumas das idéias básicas que alicerçaram a formação do Instituto: o amor ao estudo, o equilíbrio entre a ciência pura e suas aplicações, o hábito da convivência, o respeito mútuo sem nada dos tão conhecidos sindicatos de mútuos elogios, o companheirismo, o prazer da comunicação, o interesse pelos temas gerais como

(*) Essa reunião foi uma das muitas manifestações do sadio humor que sempre existiu no Instituto Biológico, espontaneamente, sem preocupação de imitar qualquer instituição. Deve-se todavia reconhecer e salientar que manifestações semelhantes são muito comuns nas verdadeiras universidades e em todos os institutos científicos assim como em todos os círculos científicos de alta qualidade. Os interessados no assunto lerão com prazer, certamente, o livro do professor Read — "Humour and Humanism in Chemistry".

complemento necessário da especialização, e sobretudo aquilo que sempre foi uma das características mais belas do Instituto Biológico, embora das menos compreendidas pelos pequenos reformadores burocráticos tão cheios de esquemas e tão desprovidos do conhecimento profundo das coisas: empenho em aglutinar gente de formações as mais diversas, agrônomos, médicos, veterinários, químicos, licenciados da Faculdade de Filosofia, para uma proveitosa e sempre útil experiência de fertilização cruzada de métodos e modos de pensar.

O comum em nosso meio é tentar a coesão dos grupos pela identidade profissional estrita, não raro sinônimo de mera identidade de interesses estritamente pessoais. O que se procurou fazer aqui foi uma coesão diferente e possivelmente mais sólida, a coesão de partes heterogêneas por um cimento muito forte de ideal científico e de propósito de bem servir, não ao grupo, mas à coletividade.

Esta chama boa, nascida e nutrida em prédios isolados — o Instituto espalhava-se por Higienópolis, Consolação e Mooca — e em porões acanhados, não morreu neste prédio imponente e confortável. E nem deve morrer jamais. Ela explica boas vitórias do Instituto e certamente continuará a explicar outras muitas conquistas, que saberão realizar os que hoje são tão moços como nós outros naqueles primeiros tempos.

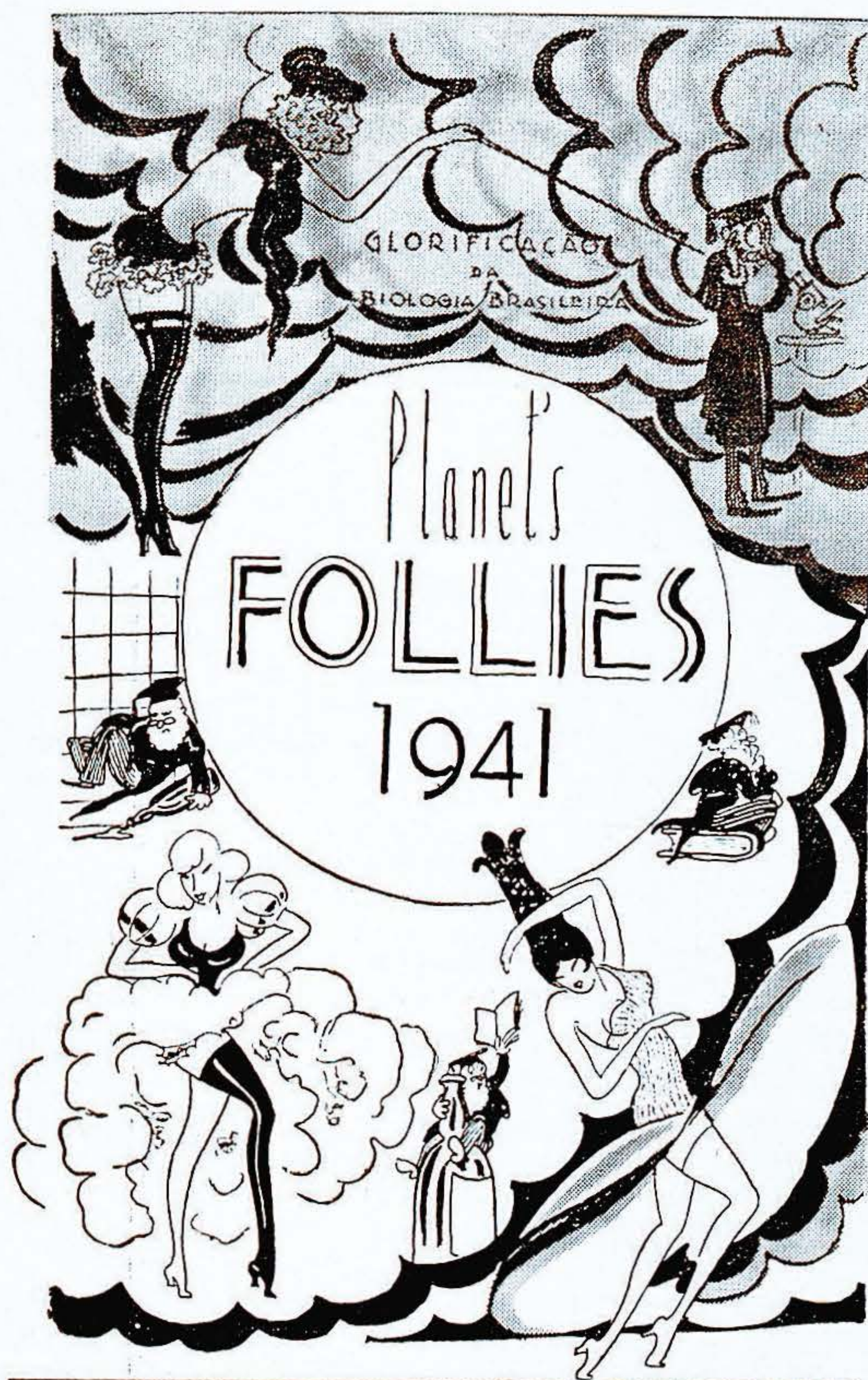


Figura 9 — Capa de programa da reunião comemorativa do 60.º aniversário do Professor Rocha Lima: jantar dos técnicos, realizado no Clube Pinheiros.



Figura 10 — Página do "Archiv für Wissens chaffliche und Praktische MAKANENFORS-CHUNG", com trecho de "Os Biologiadadas", de Rocha Lima, e desenhos de Reis.

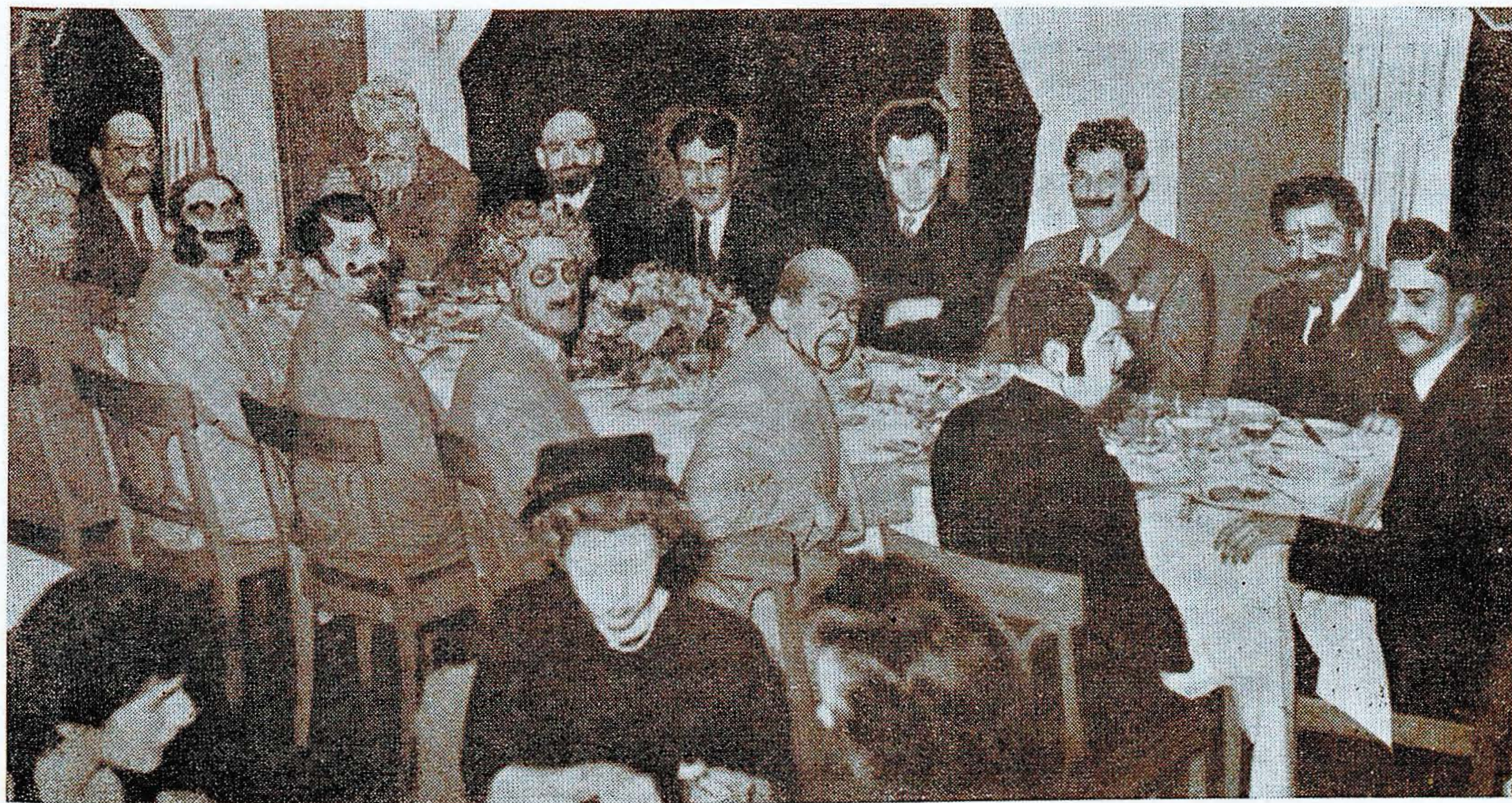


Figura 11 — "Fotografia histórica" tirada em jantar oferecido a J. Reis, com os figurantes disfarçados, a partir da cabeceira da direita e em sentido contrário aos ponteiros do relógio: Planet, Meyer, Rocha Lima, J. Reis, Candido Moraes, Mello, Clemente Fereira, Autuori, Navajas, Paulo Nobrega, Grieco, Penha, Celso Rodrigues e Galvão.

INSTITUTO BIOLÓGICO

Diretor Geral: PAULO NOBREGA

Divisão de Administração — Diretor: L. CAMARINHA FILHO

DIVISÃO DE BIOLOGIA VEGETAL

Diretor A. A. BITANCOURT

Fitopatologia Geral — Vitória Rossetti, J. Abrahão, B. P. Bastos Cruz, Edil D. Pinheiro, Odette Wegmuller, Regina E. T. Mello, Rosa Maria Gayoso, Tauba G. Fassa, Maria R. Musumeci, M. Barreto Figueiredo.

Fungicidas — A. C. de Andrade, C. A. Campacci, J. A. Martinez, L. O. Rezende, N. R. Nobrega, J. M. Sales, Gilda M. M. de Fazio, Cybelle D. N. Pacheco.

Fisiologia Vegetal — K. M. Silberschmidt, Elza Flôres, Marly F. Vicente, Miriam Engelhardt, P. R. Mallozzi, R. Loureiro.

Bioquímica Vegetal — M. Meneghini, Walkyria B. C. Moraes, Tsugui Tomioka, F. Simon.

Bacteriologia Vegetal — J. Franco do Amaral, A. G. Zagatto, A. L. G. Pereira.

Parasitologia Vegetal — J. P. da Fonseca, E. Navajas, E. Amante, J. C. Carvalho, E. Almeida, Tatiana Veinert, Arlete de Bona.

Centro de Estudo do Câncer dos Vegetais — Käte Schwarz, Alexandra P. Nogueira.

DIVISÃO DE DEFESA VEGETAL

Diretor: E. R. FIGUEIREDO JR.

Vigilância Sanitária Vegetal — A. Cotait, A. F. Cintra, J. W. A. Medeiros, A. S. Sampaio.

Assistência Fitossanitária — S. Franco do Amaral, C. F. Oliveira Santos (Capital); A. P. Mendes Galvão (Araçatuba); O. Nakano (Araraquara); A. A. Gregolin (Assis); A. C. N. de Castro (Avaré); H. Velho (Bauru); W. Cunha Stamato (Bebedouro); A. Violante Netto (Botucatu); S. Silva Mello (Campinas); J. Elias (Marília); U. Paiva Castro (Piracicaba); R. Elias (Ribeirão Preto); M. Tomia (Santo Anastácio); L. J. Elbel (Santos); C. E. Pessenda (São João da Boa Vista); A. de Siqueira Campos (São José do Rio Preto); A. C. Dias de Toledo (São Roque); J. L. Rensi Coelho (Taubaté).

Inseticidas — O. Giannotti, A. Orlando, D. Puzzi, M. Fadigas Jr., Antonieta Pigatti, Esmeralda J. R. Mello, N. Suplicy Filho, J. M. Coutinho, P. Pigatti.

Fiscalização Fitossanitária — H. F. Pereira, H. Bitran, J. Hussni.

Química — D. Aguiar Souza, Lais P. Azevedo, L. B. Machado, J. R. Piedade, Sulamita Pen, Maria F. Piedade.

DIVISÃO DE EXPERIMENTAÇÃO AGRÍCOLA

Diretor: SPENCER C. ARRUDA

Entomologia Agrícola — O. Falanghe, G. Calcagno, W. O. Heinrich, N. Dias Netto.

Fitopatologia Aplicada — W. B. Toffano, E. Issa.

Fisiologia Vegetal Aplicada — M. Kramer, L. Leiderman.

Fazenda Experimental — O. A. Mamprim, J. B. M. Araujo, C. Marino, Maria Aparecida N. Nery.

DIVISÃO DE BIOLOGIA ANIMAL

Diretor: JUVENAL R. MEYER

G. Ferraz R. Macruz, G. B. Rodrigues.

Anatomia Patológica — P. Castro Bueno N. Monici, A. Pedroso, E. S. Martinelli, Isabel Vasconcellos.

Fisiologia Animal —

Ornitopatologia — R. Castro Bueno, M. Nakano, A. E. F. Zirlis, S. R. Baquer.

Parasitologia Animal — Maria P. Castro, Regina M. C. Bicudo, V. Amaral.

Bioquímica e Farmacodinâmica — M. Rocha e Silva, Silvia O. Andrade, Marilda M. Oliveira, W. V. Camargo, Elizabeth L. Holzhaker, Meire Santos, Maria Regina F. P. Sampaio, Maria C. Farina.

DIVISÃO DE DEFESA ANIMAL

Diretor: ADOLPHO M. PENHA

M. L. Cintra, A. C. Cunha Matos, M. Rios, Maria de Lourdes Santos.

Enzootias — E. E. Trapp, M. R. Nilsson C. L. S. Carvalho, W. Sugai.

Epizootias — P. Augê de Mello, L. Pustiglione Netto, W. Giorgi, M. A. S. C. Portugal, N. S. Fernandes.

Produtos Veterinários — R. Cury, W. Belleza, Henriqueta C. Godoy, R. Sprovieri.

Assistência Veterinária — L. B. S. Amaral, D. Alves Silva, E. Varzim Stumm, D. R. Moreira, F. A. Tupinambá Valente (Capital); E. Telles de Menezes (Andradina); E. R. Ferreira (Araçatuba); C. C. Guadalupe (Araraquara); H. M. Miranda (Assis); Z. Alves (Avaré); W. V. Almeida (Barretos); C. A. C. Velloso (Bauru); R. Savoi Senna (Bebedouro); J. P. Bueno (Botucatu); B. Aronovich (Bragança Paulista); A. Nesti, L. C. Araujo Cintra, R. E. Villela Lamounier, F. Madureira Rodrigues (Campinas); A. V. Coimbra (Fernandópolis); J. L. Costa Ribeiro (Franca); J. S. Lacaz (Guaratinguetá); T. B. Galvão (Itapetininga); J. M. Chaves (Itararé); G. V. Barros (Jundiá); C. R. Mello Brandão (Lins); S. B. Oliveira (Marília); W. F. Meirelles (Mococa); L. K. P. Santos (Mogi-Mirim); D. G. Gomes (Orlândia); S. L. Calzolari (Piracicaba); L. C. Conrado Ribeiro (Piraçununga); W. Mengato (Presidente Prudente); L. A. Rodrigues (Rancharia); R. Leonel (Ribeirão Preto); W. Nazário (Rio Claro); A. E. Ferreira (Santa Cruz do Rio Pardo); J. P. Paschoal (São João da Boa Vista); H. S. Teixeira (São José dos Campos); S. Pinto César (São José do Rio Preto); J. Bella Netto (Sorocaba); I. França (Taubaté); J. Dabus (Tupã).

DIVISÃO DE MICROBIOLOGIA E HIGIENE

Diretor: WALDEMAR F. DE ALMEIDA

Higiene Comparada — A. D. Caldas, J. P. Tomanik, D. de Mello, J. C. de Queiroz.

Vírus — P. Mello Freire, Eclea Jurist.

Bacteriologia — C. Troise, C. A. Santa Rosa, A. F. Pestana de Castro.

Imunologia — Maria Siqueira, Maria B. Esteves, O Suga.

SERVIÇO DE PLANEJAMENTO E DOCUMENTAÇÃO CIENTÍFICA

Diretor: S. GONÇALVES DA SILVA

Planejamento de Experimentos — H. V. Arruda.

Biblioteca — Cecília T. Uchôa Gomes

Desenho — Juventina Santos

Fotomicrografia — A. Sodrê C. Cardoso.